

Contribuições ao estudo das cartas de Nietzsche: Análise e levantamento de possibilidades a partir do caso Schopenhauer

Contributions to the study of the letters of Nietzsche: Analyzing and raising possibilities through the case of Schopenhauer

Fernando de Sá Moreira¹

Resumo:

O presente trabalho investiga o estatuto das cartas de Friedrich Wilhelm Nietzsche frente ao restante de sua obra e propõe que seu estudo deve empregar metodologias específicas de exame. De acordo com o ponto de vista defendido nele, as cartas compõem um valioso material a ser interpretado. Para defender essa hipótese, são apresentadas três análises de um conjunto de cartas de Nietzsche, mais especificamente o conjunto das cartas que mencionam o filósofo Arthur Schopenhauer. A primeira análise lança mão de métodos estatísticos para identificar tendências de aumento ou diminuição no número de menções a Schopenhauer. A segunda procura usar o epistolário nietzschiano para fazer um levantamento das fontes e condições de recepção do filósofo da vontade de vida. A última análise investiga o conteúdo de determinadas missivas redigidas na década de 1880, a fim de compreender a gênese da reinterpretação do significado da obra *Schopenhauer como educador* no livro *Ecce homo*. Mais do que esgotar as temáticas abordadas, o presente trabalho intenta mostrar a relevância e algumas das possibilidades da abordagem das cartas de um filósofo como Nietzsche.

Palavras-chave: Cartas. Schopenhauer. Nietzsche. Metodologia.

Abstract:

The current study sheds light on the constitution of letters written by Friedrich Wilhelm Nietzsche against his life work and advocates for the use of specific methodologies of study to analyze them. From the point of view herein supported, the letters make up a valuable material of further interpretation. To support this hypothesis, the groundwork of three analysis of a series of letters from Nietzsche is laid, specifically those in which the philosopher Arthur Schopenhauer is mentioned. The first examination resorts to statistical methods in order to grasp whether the number of mentions to Schopenhauer tends to increase or decrease. The second seeks to use the letters to bring up the sources used and the conditions of reception of Schopenhauer by Nietzsche. The last analysis looks into the content of certain correspondence written in the 1880's in order to comprehend the reinterpretation genesis in the meaning of *Schopenhauer as educator* in the book *Ecce homo*. The current study wishes not to exhaust the theme, but to go beyond and attempt to portray the relevance and a few possibilities of how to approach the letters of a philosopher such as Nietzsche.

Keywords: Letters. Schopenhauer. Nietzsche. Methodology.

1 Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Professor do Instituto Federal do Paraná (IFPR), *campus* Telêmaco Borba, PR, Brasil. E-mail: fernando.moreira@ifpr.edu.br.

Introdução, problemática e especificação do caso analisado

Há muitas formas de entrar em contato com a obra de um filósofo como Friedrich Nietzsche. Para cada abordagem escolhida, haverá um conjunto específico de dificuldades e, em contrapartida, uma série de vantagens próprias. Especificamente no Brasil, é muito comum o trabalho com traduções, o cortejo com o material original em alemão e o uso de apontamentos póstumos.

Via de regra, os trabalhos mais recentes de especialistas fiam-se nas obras completas do filósofo organizadas inicialmente por Giorgio Colli e Mazzino Montinari e sua equipe desde 1967. Em outras palavras, os estudos nacionais utilizam principalmente as edições *Sämtliche Werke: Kritische Studienausgabe in 15 Bänden*² e também, em menor escala, a ainda incompleta *Werke: Kritische Gesamtausgabe*. Portanto, sendo a maior parte dos trabalhos baseados na KSA, temos como consequência que grande parte dos estudos brasileiros concentra-se na produção filosófica de Nietzsche entre os anos de 1869 e 1889³. Os textos básicos costumam ser os livros publicados e em grande escala os apontamentos póstumos.

Ainda que a veracidade dessa colocação dependa de um levantamento mais pormenorizado, pode-se dizer que, ao menos no Brasil, encontramos poucos estudos mais aprofundados em outro tipo de escritos de Nietzsche: suas cartas. Um levantamento rápido – a julgar apenas pelo título dos artigos publicados – em duas das mais significativas revistas sobre Nietzsche em nossas terras parece reforçar essa impressão⁴. O periódico *Cadernos Nietzsche*, associado ao *Grupo de Estudos Nietzsche* da USP, apresenta, em mais de 35 volumes publicados e cerca de 20 anos de publicações, apenas um artigo sobre uma

2 Seguem-se as siglas empregadas para as referências às obras de Nietzsche: **KSA** – *Sämtliche Werke: Kritische Studienausgabe in 15 Bänden*; **KGW** – *Werke: Kritische Gesamtausgabe*; **KSB** – *Sämtliche Briefe: Kritische Studienausgabe in 8 Bänden*; **KGB** – *Briefwechsel: Kritische Gesamtausgabe*; **eKGWB** – *Digitale Kritische Gesamtausgabe von Nietzsches Werken und Briefen*; **FP** – Apontamentos póstumos; **BVN** – Cartas de Nietzsche (conforme a eKGWB); **GC** – *Gaia ciência*; **EH** – *Ecce homo*. A indicação dos apontamentos póstumos segue a numeração de cadernos e anotações da KSA, assim como a indicação do período de redação. A sigla das cartas é seguida pelo ano e número da carta. Após a sigla de *Ecce homo*, indico o título da seção e o número do aforismo. Tanto no caso das cartas quanto no caso das anotações do espólio estão disponíveis *hiperlinks* para a passagem na eKGWB. As traduções são de nossa responsabilidade.

3 Os editores da KSA esclarecem que optaram por excluir da edição de estudos os textos anteriores a 1869 por considerarem que eles não possuem ainda o desenvolvimento de um pensamento filosófico próprio, que seria a marca dos anos posteriores (cf. KSA 14, p. 20 e KSA 15, p. 9). Os editores optaram também por não incluir textos relacionados ao trabalho docente e filológico de Nietzsche.

4 Essa afirmação diz respeito às edições das mencionadas revistas até maio de 2016.

problemática própria da correspondência de Nietzsche⁵. Por sua vez, o periódico *Estudos Nietzsche*, associado ao GT-Nietzsche da ANPOF e com mais de uma dezena de números publicados desde 2010, não contém nenhum artigo específico sobre a correspondência do filósofo⁶. Em suma, parece ser lícito concluir que carecemos não apenas de trabalhos sobre as cartas, mas também de uma discussão pormenorizada sobre seu lugar próprio em uma filosofia tal como a de Nietzsche.

Por sorte, essa carência não é fruto da falta de materiais ou de acesso a eles. Quando nos propomos a estudar Nietzsche, podemos lançar mão de um rico acervo epistolar, sobretudo os pesquisadores com conhecimento da língua alemã. Contamos primeiramente com a conhecida edição de estudos das cartas *Sämtliche Briefe: Kritische Studienausgabe in 8 Bänden* (KSB). Nela estão reunidas todas as cartas conhecidas do filósofo entre 1850 e 1889. Existe também a edição mais detalhada, porém ainda incompleta *Briefwechsel: Kritische Gesamtausgabe* (KGB), cuja publicação começou em 1975 e segue até os dias atuais.

Muito embora nem todo pesquisador brasileiro passa dispor dessas edições tão facilmente, seja devido ao custo, seja devido ao fato de serem publicadas apenas fora do Brasil, há ainda outra alternativa. Contamos com uma edição eletrônica mais recente: a *Digitale Kritische Gesamtausgabe von Nietzsches Werken und Briefen*. Nesta última estão disponíveis gratuitamente via internet todas as missivas escritas pelo filósofo entre 1850 e 1889. São cerca de 2900 cartas organizadas por Paolo D'Iorio com base no trabalho de Colli e Montinari e disponibilizadas no portal *Nietzsche Source* (www.nietzschesource.org). A edição eKGWB apresenta, além do texto das cartas, diversas correções filológicas em relação à KSA e à KSB.

Reflitamos momentaneamente sobre o material do espólio nietzschiano, em especial seus cadernos de anotações pessoais. Na condição de pesquisadores especializados na filosofia nietzschiana, bem sabemos que não é lícito empregar os apontamentos póstumos do filósofo alemão indiscriminadamente. Ao mesmo tempo em que não se limitar aos textos publicados de Nietzsche é hoje quase indispensável a uma pesquisa mais aprofundada sobre qualquer um de seus temas, não podemos usar seus cadernos pessoais como se fossem textos preparados para vir a público. Entretanto, é o caso de levantar o questionamento sobre a

5 Trata-se do artigo intitulado “Música epistolar: Nietzsche e Carl Fuchs” de Fernando Ribeiro de Moraes Barros (cf. BARROS, 2012).

6 Deve ser mencionado, é claro, que isso não depõe contra os mencionados periódicos. A qualidade de suas publicações está fora de questão. Trata-se antes de notar que as cartas não têm assumido um papel de destaque nas pesquisas sobre Nietzsche no Brasil. Além disso, vale observar em contrapartida que a *Estudos Nietzsche* tem a tradição de publicar regularmente traduções das cartas do filósofo.

posição que assumem as epístolas nesse contexto. Ora, é certo que elas também pertencem ao material do espólio de Nietzsche e, enquanto tal, não devem ser manuseadas sem o devido cuidado. Porém, sua condição também não é precisamente a mesma daquela referente aos apontamentos póstumos. Quer dizer, elas possuem um estatuto próprio que as distinguem tanto dos textos publicados quanto das anotações pessoais.

Para tornar esse problema mais claro: enquanto pesquisadores, nós consideramos costumeiramente os textos publicados como portadores das ideias e intenções mais bem acabadas de um filósofo. Isso não implica, obviamente, que todas as ideias de um filósofo estejam em seus textos, assim como não significa que elas tenham recebido seu acabamento definitivo pelo simples fato de serem publicadas. Sabemos que grande parte dos grandes filósofos reformularam constantemente seus conceitos e os rerepresentaram com pequenas ou impactantes modificações em obras posteriores. Ainda assim, as obras publicadas marcam um alto grau de comprometimento de um filósofo com uma forma específica de seus conceitos em um momento específico de sua vida.

Os textos póstumos, ao contrário, são tratados muitas vezes com desconfiança, pois nem sempre é fácil determinar o grau de comprometimento que um autor tem com certa anotação que foi encontrada em seu espólio. Como no ilustrativo exemplo de Nietzsche, encontramos diversas informações de teores variados em suas anotações pessoais. Entre experiências conceituais diversas, encontramos rascunhos de textos posteriormente publicados, anotações financeiras, esboços para redação de cartas a amigos, notas de estudo de livros etc.

Pode-se ainda mencionar a frequente confusão encontrada nos escritos póstumos de Nietzsche. Eles não são textos redigidos à outra pessoa senão Nietzsche e, conseqüentemente, não buscam expressar-se claramente. Eles trazem frequentemente várias rasuras, camadas e mais camadas de reescrituras e correções diversas; sem contar que frequentemente é difícil decifrar com precisão a letra do autor. A KSA esforça-se no sentido de fornecer uma possibilidade de leitura dessas anotações, mas, ao fazê-lo esconde involuntariamente também muitas informações e faz opções questionáveis. Em contrapartida, a KGW procura suprir essas falhas fornecendo um material legível e, ainda assim, que procura reproduzir o mais fielmente possível a forma como as anotações estão dispostas nos cadernos pessoais do pensador alemão.

Ao trabalhar com anotações póstumas, precisamos sempre ter em mente que se trata de um material de uso pessoal e que, originalmente, não foi pensado para posteriores

publicação e estudo. Embora a interpretação de Nietzsche seja sempre complexa, mesmo que restrita apenas à obra publicada, seus livros nos mostram frequentemente um caminho a seguir, um mapa mais ou menos claro de conceitos e indicações mais ou menos explícitas. Sem dúvida, há ainda assim muitas armadilhas e labirintos. No entanto, no trabalho com as anotações póstumas, a ausência de clareza é uma das condições mais constantes. Lá, o trabalho assemelha-se a uma difícil e lenta arqueologia. Procuramos também por caminhos, mapas e indicações, mas nem sempre os encontramos. Quando os encontramos, nem sempre eles indicam ao resultado que esperávamos. E, becos sem saída são mais frequentemente do que gostaríamos.

Pois bem, as cartas não são nem textos preparados para a publicação, nem apontamentos póstumos. Elas ocupam um lugar próprio nessa polêmica. As epístolas não assumem o mesmo estatuto de um texto publicado na forma de um livro. Elas formam, assim como as anotações pessoais, o material póstumo e originalmente não preparado ou projetado à publicação. Porém, elas são contempladas por um outro grau de intimidade, pois não se enquadram perfeitamente na classe das colocações exclusivamente pessoais. Elas não foram escritas a um grande público, porém também não foram redigidas somente a si mesmo. Elas são textos a algum outro. Há sempre ao menos um interlocutor vivo para cada carta e, por isso, elas constituem-se como diálogos vivos com seus correspondentes que, muitas vezes, também enviam a Nietzsche seus pensamentos e opiniões.

Sua correspondência forma um terceiro *corpus* na totalidade de sua obra, ao lado dos textos publicados e das anotações póstumas. Não seria o caso de considerá-lo como absolutamente independente dos demais, mas antes como um conjunto que pode ser abordado de forma *parcialmente* autônoma e respeitando suas especificidades. Todas as relações com os dois demais *corpora* são valiosas e devem ser consideradas. É forçoso, porém, não analisar a correspondência como se ela fosse idêntica a um texto publicado ou como se fosse idêntica às anotações privadas.

As cartas de Nietzsche são ricas em conteúdos interessantes e decisivos. Muitos pesquisadores já notaram isso, uma vez que frequentemente as empregam para auxiliar na sustentação de suas hipóteses e interpretações. Certamente nos deparamos com diversas especificidades e dificuldades próprias, como observações de cunho personalíssimo ou apenas ocasional. Não obstante, não é preciso ler muitas das missivas de Nietzsche para perceber que elas possuem um profundo teor filosófico e um potencial de exploração enorme⁷, seja em

7 Um exemplo acessível pode ser encontrado na carta [BVN 1883 471](#), redigida a Elisabeth Nietzsche, cuja

função de um interesse nas cartas em si ou no esclarecimento de alguma questão levantada nos textos publicados ou nos póstumos.

Parece, na verdade, já existir um consenso significativo quanto a isso: o epistolário de Nietzsche é um material de grande valor filosófico. Por isso, creio que essa não é, em específico, uma questão que precise ser discutida mais longamente. Por outro lado, se a afirmação de que as cartas possuem um lugar e um estatuto próprios entre os textos nietzschianos está correta, isso implica em que devemos levantar questionamentos acerca de ao menos um ponto para o qual não há consenso: as metodologias específicas que são exigidas de quem pretende se aventurar pelas cartas do pensador alemão.

Há muitas incertezas quanto à correspondência de Nietzsche, de modo que, também no tocante a elas é necessário desenvolver estratégias de interpretação específicas. Não conhecemos, por exemplo, o destinatário ou a data precisa de algumas missivas (e.g. [BVN 1867 545](#)); de outras, temos apenas o rascunho (e.g. [BVN 1885 617](#)); sabemos que algumas cartas foram destruídas ou falsificadas⁸; em outros casos, conhecemos a resposta dada a uma carta perdida ou, em sentido inverso, sabemos que há uma resposta desconhecida a uma carta conhecida⁹. Isso tudo sem contar outras várias complicações próprias de um trabalho com correspondências: abreviações, linguagem coloquial, vocabulário próprio, temas demasiadamente privados dos correspondentes etc. Muitas vezes não sabemos também se a amostragem, que nos foi transmitida, pode ser considerada realmente representativa de todo o epistolário não conservado de Nietzsche.

É desnecessário demonstrar que essa é uma tarefa complexa e maior do que se poderia dar conta neste momento. Contudo, embora não seja possível esgotar o tema proposto, é mister explorar sua problemática, a fim de contribuir com o debate e propor o aprofundamento das questões. O objetivo é aqui, portanto, menor. Pretendo analisar um conjunto específico de cartas de Nietzsche e abordar um caso específico e, com isso, levantar dados que possam ser usados no desenvolvimento de um estudo mais abrangente das correspondências do pensador.

No presente estudo, o conjunto de cartas analisados é aquele que menciona, direta ou indiretamente, Schopenhauer. Não levo em consideração, todavia, o material remetido a

tradução foi publicada na *Estudos Nietzsche*, vol. 6, n.1, em 2015.

⁸ Nesse ponto, vale a pena lembrar que parte da correspondência de Nietzsche foi manipulada por sua irmã, a fim de justificar a edição e publicação da obra por ela falsificada e conhecida como *A vontade de poder* (*Die Wille zur Macht*). A esse respeito cf. Schlechta (1997) e também o prólogo da KSA (14, p. 7-17).

⁹ A já mencionada carta a Elisabeth Nietzsche [BVN 1883 471](#), por exemplo, consiste em uma resposta a uma carta anterior da irmã do filósofo que, infelizmente, nós não conhecemos.

Nietzsche, mas apenas aquelas cartas redigidas pelo filósofo e por ele remetidas a um correspondente qualquer. A seleção de cartas consiste no resultado de duas pesquisas terminológicas realizadas na eKGBW, abrangendo desde 1850 até 1889. As expressões de busca foram “*schopen*” e “sch”, para que fosse possível identificar não apenas as cartas que mencionam o nome “Schopenhauer”, mas também composições, derivações e abreviaturas dele. No caso da pesquisa por “sch” foi necessário filtrar os resultados e evitar resultados falso-positivos. O total de cartas selecionadas foi de 159 dentre as 2869 disponíveis.

Infelizmente, para não tornar essa pesquisa muito extensa, não estou considerando, senão a nível secundário, outras cartas além dessas 159. Seria possível construir uma imagem melhor do contexto em que cada carta se insere, caso uma leitura mais completa das missivas restantes fosse feita, mas o trabalho de análise seria muitíssimo maior. Também não foi possível fazer uma leitura e interpretação pormenorizada de todas as 159 cartas selecionadas. Sendo assim, concentrei-me no conteúdo de 67 cartas (aproximadamente 42% do total). As primeiras 17 são as que foram redigidas entre 1865 e 1867 e as demais correspondem às escritas entre 1880 e 1888. O período de 1850-1865 e 1889 não possui cartas que se enquadrem nos termos de busca empregados.

O presente estudo explora a temática por meio de 3 análises pontuais. Primeiramente, analisa-se as possibilidades de percepção da presença de Schopenhauer no pensamento de Nietzsche através de sua correspondência. O propósito é empregar métodos estatísticos como ferramentas de compreensão dos momentos da figura Schopenhauer no pensamento de Nietzsche. Em segundo lugar, investiga-se as possibilidades das cartas fornecerem dados para um estudo da recepção de Schopenhauer por Nietzsche. Nesse caso, trata-se de abordar mais diretamente o conteúdo de um conjunto de cartas que revelam informações de suas leituras sobre Schopenhauer. Por último, tem lugar uma análise de caráter genético sobre as percepções de Nietzsche sobre sua *Terceira consideração extemporânea*. Aqui, o foco recai, mais especificamente, sobre o significado tardio dessa obra aos olhos de seu autor, principalmente a partir de 1880.

1. Percepção da presença de Schopenhauer nas obras e cartas de Nietzsche

Como sabemos, Nietzsche jamais se correspondeu diretamente com Schopenhauer, pois, embora o filósofo da vontade de vida ainda estivesse vivo durante aproximadamente os primeiros 16 anos de vida do jovem Friedrich, somente cerca de 5 anos após a morte de

Schopenhauer, em 1865, Nietzsche mostrará interesse por aquele que se consolidaria nos anos posteriores como um de seus principais mestres e antagonistas. Sendo assim, diferentemente de outras personalidades, como Richard Wagner, o filósofo da vontade de vida emerge nas cartas de Nietzsche exclusivamente como assunto, jamais como correspondente.

Como já asseverado, 159 das 2869 cartas conservadas de Nietzsche são perpassadas por no mínimo uma menção ao tema Schopenhauer. Em termos percentuais, isso representa cerca de 5,54% das epístolas de Nietzsche. O número por si só não diz necessariamente muito, por isso, é mister buscar um comparativo. O seguinte levantamento supre essa exigência, colocando Schopenhauer ao lado de outras personalidades igualmente mencionadas no epistolário nietzschiano:

PERSONAGEM	TERMO DE BUSCA E PORCENTAGEM	TOTAL
		2869
Schopenhauer	*schopen* + sch	159
	%	5,54%
Spinoza	*spinoz*	5
	%	0,17%
Kant	*kant*	70
	%	2,44%
Wagner	*wagner*	425
	%	14,81%
Sócrates	*sok*	9
	%	0,31%
Platão	*plato*	46
	%	1,60%
Dostoiévski	*dost*	13
	%	0,45%
Stendhal	*stend*	30
	%	1,05%

Tabela 1: Presença de diversas personalidades nas cartas de Nietzsche.

Esses dados levam-nos certamente a crer que, de fato, há uma presença schopenhaueriana marcante na correspondência de Nietzsche. Entre as personalidades analisadas, o filósofo da vontade de vida só encontra-se atrás de Wagner, cujo percentual de cartas é quase 3 vezes maior. Todavia, o compositor tem a vantagem de ter sido um dos correspondentes vivos de Nietzsche. Entre as 425 que mencionam seu nome estão não apenas aquelas nas quais o compositor é tematizado, mas também aquelas nas quais ele é o destinatário da mensagem¹⁰.

10 Afora isso, para compor esse quadro estatístico também não se fez diferença entre Cosima e Richard Wagner. No caso de Kant, diferentemente do caso de Schopenhauer, não foram filtrados os resultados falso-positivos. Ou seja, termos como “Musikant”, “Kantor”, “pikant” ou “die Kante” que nada têm a ver com o autor da *Crítica da razão pura*, foram contabilizados indistintamente (cf. [BVN 1868 578](#), [BVN 1860 162](#), [BVN 1862](#)

Ao lado desse exame mais bruto, é possível também fazer análises mais refinadas. Por exemplo, é possível perceber que a presença do tema Schopenhauer não é constante, mas, pelo contrário, possui grande oscilação entre 1865 e 1888. Se, além disso, tomarmos também aqui os dados comparativamente, perceberemos que cada personalidade segue uma dinâmica própria no conjunto das missivas nietzschianas. Consideremos, a título de exemplo, Schopenhauer, Wagner e Platão¹¹ e chegaremos aos seguintes dados:

ANO	Schopenhauer			Wagner		Platão	
	CARTAS	*schopen* + sch	%	*wagner*	%	*plato*	%
1850	3	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%
1851	1	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%
1852	0	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%
1853	0	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%
1854	3	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%
1855	1	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%
1856	5	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%
1857	3	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%
1858	30	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%
1859	78	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%
1860	79	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%
1861	90	0	0,00%	1	1,11%	0	0,00%
1862	48	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%
1863	64	0	0,00%	0	0,00%	1	1,56%
1864	57	0	0,00%	0	0,00%	2	3,51%
1865	31	1	3,23%	1	3,23%	0	0,00%
1866	46	9	19,57%	1	2,17%	0	0,00%
1867	24	7	29,17%	0	0,00%	1	4,17%
1868	49	21	42,86%	9	18,37%	5	10,20%
1869	84	18	21,43%	28	33,33%	9	10,71%
1870	64	11	17,19%	18	28,13%	0	0,00%
1871	67	5	7,46%	23	34,33%	6	8,96%
1872	108	3	2,78%	50	46,30%	5	4,63%
1873	55	4	7,27%	19	34,55%	1	1,82%
1874	75	11	14,67%	18	24,00%	0	0,00%
1875	86	13	15,12%	30	34,88%	2	2,33%
1876	90	1	1,11%	24	26,67%	0	0,00%
1877	91	4	4,40%	8	8,79%	3	3,30%
1878	119	0	0,00%	10	8,40%	1	0,84%
1879	134	1	0,75%	1	0,75%	0	0,00%
1880	74	2	2,70%	3	4,05%	0	0,00%
1881	115	1	0,87%	4	3,48%	0	0,00%
1882	183	7	3,83%	19	10,38%	1	0,55%
1883	115	6	5,22%	17	14,78%	1	0,87%
1884	90	6	6,67%	4	4,44%	0	0,00%
1885	91	6	6,59%	11	12,09%	1	1,10%
1886	131	4	3,05%	13	9,92%	1	0,76%
1887	189	7	3,70%	26	13,76%	4	2,12%
1888	269	11	4,09%	82	30,48%	2	0,74%
1889	27	0	0,00%	5	18,52%	0	0,00%
TOTAL	2869	159	5,54%	425	14,81%	46	1,60%

Tabela 2: Amostra ano a ano, de 1850 a 1889 - Schopenhauer, Wagner e Platão.

337 e [BVN 1881 101](#), respectivamente).

11 Aqui, o interesse em Platão é meramente secundário. Ele atua como uma espécie de grupo de controle. Ele foi selecionado por fazer-se presente desde muito cedo nas cartas de Nietzsche, por permanecer presente praticamente até o final de sua produção e também por ser considerado com frequência como um dos principais antagonistas da filosofia nietzschiana.

Para melhorar a visualização desses dados, podemos compilá-los também nos gráficos a seguir:

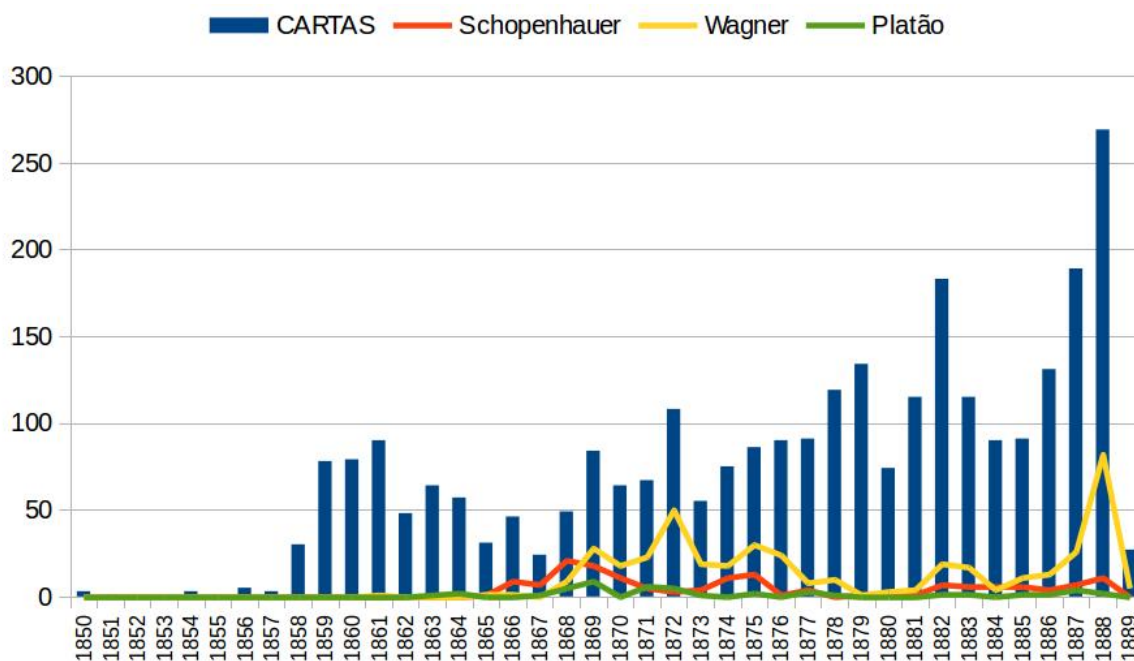


Figura 1: Amostra ano a ano (1850-1889) em números absolutos - Schopenhauer, Wagner e Platão, frente ao número total de cartas.

É perceptível que cada personalidade segue uma lógica própria em meio às cartas. E, embora se possa dizer que o número total de cartas disponíveis influencia o número total de cartas sobre cada um dos pensadores, os dados não permitem derivar diretamente uma coisa da outra. A mesma conclusão extrai-se de um olhar mais direcionado, como apresentado nos gráficos a seguir. No primeiro encontram-se representados os números de cartas sobre Schopenhauer, Wagner e Platão em números absolutos. O segundo gráfico mostra as mesmas cartas, porém representadas em termos relativos, i.e. de acordo com o percentual que elas representam frente ao número total de cartas daquele ano:

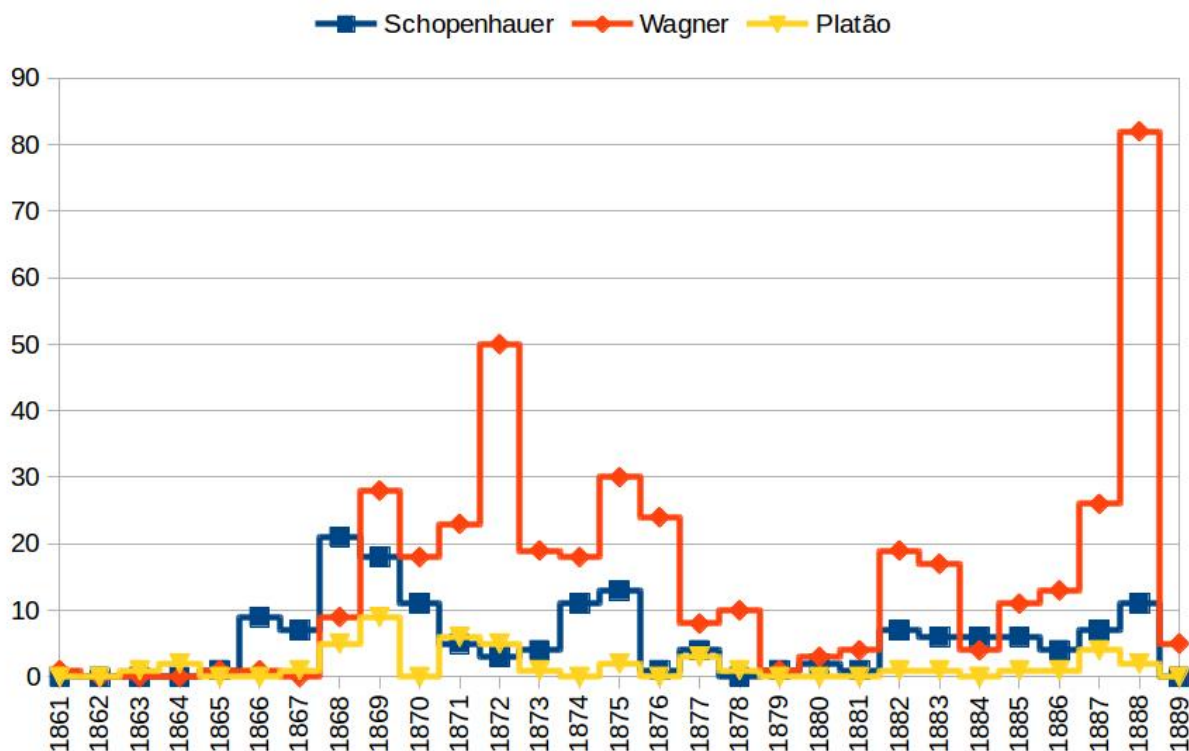


Figura 2: Amostra ano a ano (1861-1889) em números absolutos - Schopenhauer, Wagner e Platão.

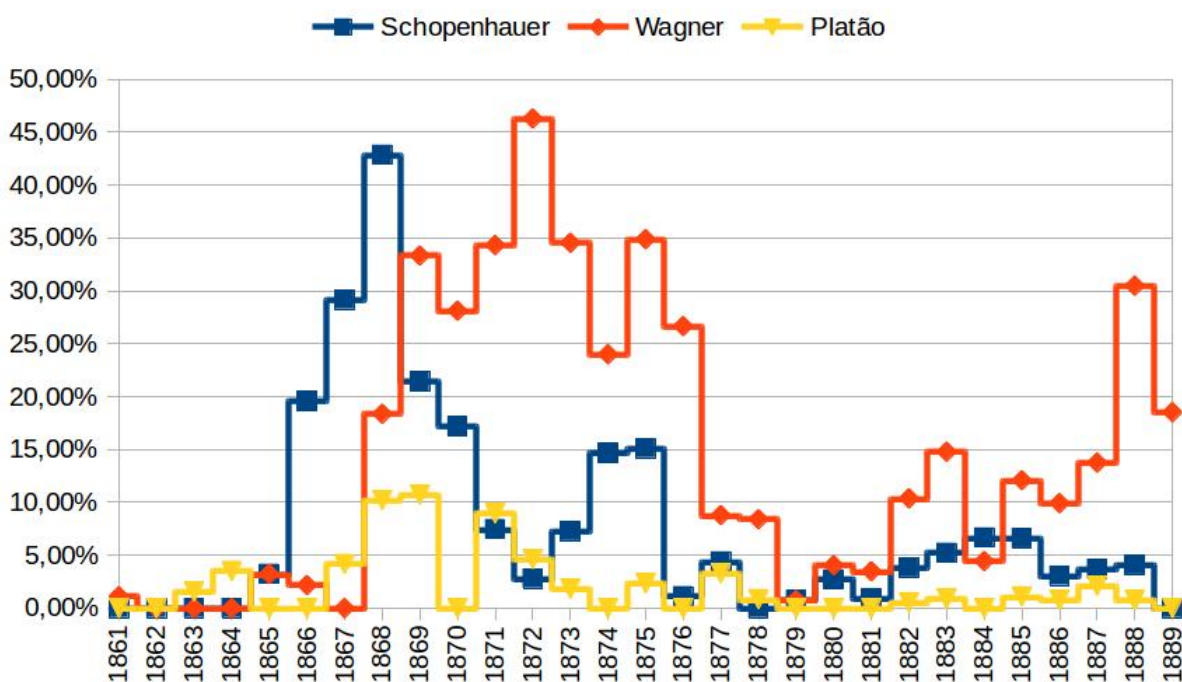


Figura 3: Amostra ano a ano (1861-1889) em números relativos - Schopenhauer, Wagner e Platão.

Quando dividimos a produção intelectual de Nietzsche em períodos é comum considerar que houve um primeiro momento no qual ele estaria mais ligado a Schopenhauer e a Wagner. Esse período mais wagneriano e schopenhaueriano seria característico dos escritos

de Nietzsche até pouco antes da publicação de *Humano, demasiado humano* (1878). De fato, as estatísticas da correspondência do filósofo alemão fortalece essa interpretação. A partir do ano de 1875, ambos recebem cada vez menos atenção. Há, dito mais claramente, uma queda brusca no número total de menções.

No entanto, as mesmas estatísticas nos permitem aventar uma hipótese interpretativa complementar. Tudo leva a crer que o schopenhauerianismo e o wagnerianismo de Nietzsche não podem ser considerados como uma coisa só. O próprio filósofo não trata ambos como sinônimos em suas cartas. Um indício disso é o fato de que eles desenham presenças diferentes nos gráficos apresentados. Schopenhauer assume em primeiro lugar uma posição de destaque entre 1866 e 1868. Entre 1868 e 1872, Schopenhauer e Wagner tomam tendências diametralmente opostas. Enquanto as menções ao filósofo da vontade de vida rareiam, mantendo ainda um número de citações significativo, mas muitíssimo inferior, as menções ao compositor atingem seu auge. É curioso notar que a tendência de queda no caso de Schopenhauer ocorre precisamente nas proximidades da redação e publicação de *O nascimento da tragédia*; essa que é talvez a obra mais mencionada para se discutir o schopenhauerianismo de Nietzsche. Em contrapartida, Schopenhauer volta a destacar-se, embora mais timidamente, entre 1881 e 1885. Wagner também surge de forma marcante, mas oscila. Em 1884, por exemplo, enquanto o quinhão de cartas sobre Schopenhauer apresentava uma tendência de crescimento, Wagner vê diminuídas as suas menções, a ponto de ficar mais uma vez menos frequentes do que as de Schopenhauer.

Poder-se-ia perguntar, neste momento, se é possível determinar o lugar próprio de Schopenhauer ou Wagner no pensamento nietzschiano *meramente* com base em uma análise estatística como a mostrada acima. A resposta é certamente negativa. O levantamento quantitativo não tem aqui o poder de qualificar o pensamento e interpretações nietzschianas sobre seus interlocutores. O caso de *O nascimento da tragédia* ilustra bem essa situação. Como constatado, o gráfico nos informa que a quantidade de cartas sobre Schopenhauer diminui no período de elaboração e publicação do texto. Pergunta-se: isso significa necessariamente que, na realidade, Schopenhauer não é tão importante naquele texto quanto normalmente é mencionado? Não. Definitivamente, essa não é uma conclusão que podemos extrair dos dados apresentados. Somente uma interpretação pormenorizada e qualitativa dos materiais envolvidos poderia solucionar essa questão.

Isso significaria, pelo contrário, que tais dados quantitativos são inúteis? A resposta é igualmente não. Análises estatísticas como a apresentada são ferramentas metodológicas

muito úteis. Embora os números por si só sejam insuficientes para sustentar uma tese decisiva, são bastantes para aventar caminhos e hipóteses interpretativas. No caso da interpretação do lugar de Schopenhauer e Wagner no pensamento nietzschiano, por exemplo, a análise quantitativa apresentada pode nos servir para levantar algumas dúvidas sobre o hábito de se tratar as presenças de Schopenhauer e Wagner em bloco, como se eles tivessem significado idêntico para Nietzsche¹². Não se trata de um procedimento metodológico exato, final e definitivo, mas de uma técnica de abordagem que pode fornecer vias de investigação úteis e plausíveis.

Se tudo for mesmo assim, isso mostra que as cartas podem ser empregadas não apenas individualmente, mas também *em conjunto* para que seja construída uma percepção mais refinada da presença de certas personalidades e possivelmente também de conceitos na obra de Nietzsche. Além disso, esse exame também promove indicativos que podem ser usados para uma filtragem de materiais no interesse de uma pesquisa futura. Não deve ser ignorada, por exemplo, a presença massiva de Schopenhauer nas cartas de 1868 (mais de 40%), caso nutramos o desejo de investigar as apropriações do pensamento schopenhaueriano na filosofia de Nietzsche. Aparentemente, esse exame pode ser mais proveitoso, a depender dos objetivos da pesquisa, do que uma investigação isolada sobre, por exemplo, *O nascimento da tragédia* ou *A filosofia na época trágica dos gregos*.¹³

2. Identificação da recepção: fontes, comentadores, correspondentes, leituras e contextos

Uma segunda abordagem metodológica possível recai sobre elementos da recepção de Schopenhauer. No caso específico de Nietzsche, cujos livros frequentemente não fazem citações diretas ou revelam referências bibliográficas claras, as cartas fornecem informações valiosas sobre suas interlocuções.

Entre os correspondentes de Nietzsche, alguns se aglutinam em torno de certas

12 Não é o caso de desenvolver mais demoradamente essa hipótese. Creio, todavia, que ela pode ser confirmada sem maiores dificuldades, ao menos nos textos mais tardios de Nietzsche, como por exemplo a *Genealogia da moral*. Na terceira dissertação da GM/GM, Nietzsche faz de Schopenhauer um caso típico da figura do filósofo, enquanto Wagner encarna a figura do artista. No decorrer do texto, torna-se claro que as razões que ligam o artista (Wagner) e o filósofo (Schopenhauer) ao ideal ascético são distintas (cf. capítulo 1 de MOREIRA, 2011).

13 É claro que outras análises estatísticas ainda mais refinadas do que as realizadas aqui seriam possíveis e úteis. Por exemplo, seria possível cruzar os dados da presença de Schopenhauer na correspondência com os dados de sua presença nos livros publicados e nos demais materiais póstumos. Também é possível traçar mais detalhadamente essa presença com base no conteúdo das cartas, mais do que em suas estatísticas. Como já declarado, no presente caso, trata-se muito mais de abrir e mostrar possibilidades de investigação, do que propriamente de exauri-las.

temáticas. Verificam-se, por exemplo, 29 destinatários nas 67 cartas selecionadas inicialmente. É curioso observar que os interlocutores preferenciais para a temática Schopenhauer variam no decorrer de sua produção. Não obstante, eles podem ser, especialmente em alguns períodos, facilmente identificados. Por exemplo, de 1865 a 1867, Nietzsche debate a recém descoberta filosofia schopenhaueriana principalmente com Carl von Gersdorff e Hermann Mushacke. Há certamente outros correspondentes, a saber Franziska e Elisabeth Nietzsche, além de Paul Deussen e Erwin Rohde. Porém, o círculo mais intenso de discussão desenrola-se com Gersdorff, que recebe 7 das 17 cartas do período, e Mushacke, que recebe outras 5 cartas. Nos anos seguintes, em contrapartida, outros atores entram em cena mais decididamente. Entre 1868 e 1869, Mushacke desaparece completamente, enquanto Rohde, com 10 de 22 cartas, e Deussen, com 5 cartas, tornam-se cada vez mais relevantes. Nesse momento, Gersdorff continua relevante e é o destinatário de outras 4 cartas.

Infelizmente não é possível afirmar, meramente com base nessas informações, que apenas esses correspondentes são importantes para compreender o conjunto de interlocutores de Nietzsche sobre as questões schopenhauerianas. Nada nesses números garante que não existiram interlocutores com os quais o filósofo da vontade de poder discutiu por outros meios, ou que não existiram outras cartas que não foram preservadas. Em todo caso, o conteúdo de algumas missivas permitem fortalecer algumas hipóteses.

No último dia de janeiro de 1866, o filósofo escreve a sua mãe Franziska para lhe desejar um feliz aniversário (ela nascera em 2 de fevereiro). Em meio a algumas generalidades, o filósofo repassa informações sobre sua vida em Leipzig, inclusive nominando suas amizades schopenhauerianas:

Combinei agora com Gersdorff nos encontrarmos uma noite por semana, na qual lemos grego juntos; com ele e Mushacke combinei uma vez a cada 14 dias, onde se schopenhauerianiza [*wo geschopenhauert wird*]. Esse filósofo assume um lugar muito significativo em meus pensamentos e em meus estudos, e meu respeito a ele cresce incomparavelmente. Eu lhe faço também propaganda e chamo a atenção decididamente de algumas pessoas específicas para ele, como por exemplo o primo. O que, porém, foi pouco proveitoso até agora. Pois, junto aos legítimos saxões é sempre "*primum vivere, deinde philosophari*" "primeiro viver, depois filosofar". ([BVN 1866 491](#))

Embora no presente estudo não sejam exploradas, é frutífero levantar perguntas como: qual é a dinâmica e quais são as razões para o aparecimento ou desaparecimento de um correspondente junto a uma temática? Que tipo de usos Nietzsche emprega no debate com cada interlocutor? Que temas aparecem para um correspondente e não aparecem para um outro? Que influências cada interlocutor possui sobre a leitura de Nietzsche para cada

temática? E assim por diante.

Complementarmente, há ainda outras possibilidades de investigação de grande utilidade. Uma delas decorre do fato de que, geralmente, as cartas indicam com maior precisão que tipo de intermediários e comentadores Nietzsche empregou para formar sua visão de Schopenhauer. Vale lembrar mais uma vez que Nietzsche frequentemente abre mão de explicitar suas referências, tanto nas obras publicadas quanto nas anotações póstumas. Não esqueçamos também que as cartas indicam uma datação mais precisa dos acontecimentos do que as notas póstumas geralmente permitem-nos inferir. Ainda mais: importa ter em mente que os textos nietzschianos organizados na KSA cobrem apenas os escritos posteriores a 1869. Isso implica em que os efeitos das primeiras leituras de Schopenhauer – e também de seus comentadores – não se fazem notar tão claramente na KSA, como no epistolário.

Já a primeira carta mencionando Schopenhauer nos permite conhecer algo da trajetória de Nietzsche e seus desejos quanto às leituras schopenhauerianas. Ele escreve a sua mãe e sua irmã, presumidamente a 9 de dezembro de 1865, para, entre outras notícias e informações diversificadas, informá-las do que ele desejaria receber como presente de natal. Dentre os livros ligados aos estudos filológicos de Nietzsche, destacam-se dois ligados a Schopenhauer:

Eu lhes escrevo já o que desejo para o natal. Porém, como eu mesmo estou incerto a esse respeito, estou anotando, pois, diversas opções: [...] *A. Schopenhauer*, *Parerga und Paralipomena* [*Parerga e Paralipomena*]. Além disso: *Heim*, *Schopenhauer und seine Philosophie* [*Schopenhauer e sua filosofia*] 1865¹⁴. ([BVN 1865 489](#))

Nesse caso específico, as cartas selecionadas para o presente estudo não nos deixam saber se ele realmente recebeu algum desses livros. No entanto, interessa notar que ele nutria interesse – já no primeiro ano de contato com a filosofia schopenhaueriana – não apenas por *O mundo como vontade e representação*, mas também pelas obras mais tardias do filósofo da vontade de vida.

Mais tarde surgem outros comentadores e a discussão acerca de temas schopenhauerianos torna-se cada vez mais intensa. Com Mushacke a 27 de abril de 1866, Nietzsche troca informações sobre a obra *Arthur Schopenhauer*, de Haym, e *Der Pessimismus und Schopenhauer* (*O pessimismo e Schopenhauer*), de Kyi (cf. [BVN 1866 504](#)). Já na carta 517, do fim de agosto de 1866 a Gersdorff, Nietzsche menciona Friedrich Lange e o

¹⁴ Desconheço outras referências a esse livro e a esse comentador. Afora essa carta, não há menções ao livro nem no material póstumo, nem no material publicado. É provável que o filósofo se refira, na verdade, à obra *Arthur Schopenhauer* de Rudolf Haym, que veio a público em 1864. Nietzsche conhecia essa obra, como as cartas de 1866 nos permitem saber (e.g. [BVN 1866 504](#)).

contrapõe diretamente a Schopenhauer:

Por fim, também Schopenhauer deve ainda ser mencionado, do qual eu ainda sou um adepto com a mais completa simpatia. A sorte que temos em tê-lo encontrado só me foi esclarecida a pouco por um outro escrito, que a seu modo é primoroso e muito instrutivo: *História do materialismo e crítica de seu significado para o presente* de Fr. A. Lange, 1866. Temos aqui diante de nós um kantiano e pesquisador natural altamente esclarecido. Seu resultado resume-se nos três princípios seguintes: 1) O mundo sensível é o produto de nossa organização. 2) Nossos órgãos visíveis (corporais) são, tal como todas as outras partes do mundo fenomênico, apenas imagens de um objeto desconhecido. 3) Nossa organização real permanece, portanto, desconhecida a nós, assim como as coisas externas reais. Sempre temos diante de nós apenas o produto de ambos. [...] Você pode ver que, mesmo diante desse ponto de vista crítico mais pesado, nosso Schopenhauer nos permanece [valeroso], sim, ele torna-se quase que ainda mais [valeroso] para nós. Se a filosofia é arte, então pode também Haym encolher-se frente a Schopenhauer; se a filosofia deve edificar, então não conheço nenhuma filosofia que edifica mais do que nosso Schopenhauer. ([BVN 1866 517](#))

É interessante notar que já desde 1866, ou seja, apenas um ano após o início dos estudos da filosofia schopenhaueriana, Nietzsche já possui críticas a ela. A construção de sua interpretação não é fruto apenas da leitura dos textos do autor de *O mundo como vontade e representação*, mas também da recepção crítica de comentadores como Haym e Lange¹⁵. Ainda no caso do ideal edificante de Schopenhauer, rapidamente podemos encontrar outras cartas que fortalecem essa ideia. Uma carta de outubro/novembro de 1867 a Paul Deussen ([BVN 1867 551](#)) reforça a percepção de que a adesão de Nietzsche a Schopenhauer não é fruto de um convencimento puramente lógico: “A quem queira refutar Schopenhauer para mim por meio de razões, eu murmuro em seus ouvidos: 'Mas, caro senhor, visões de mundo não são criadas pela lógica, nem por ela destruídas’”.

Esse tipo de pesquisa também nos permite perceber as várias faces da figura de Schopenhauer no pensamento nietzschiano. Por exemplo, nesse primeiro momento (entre 1866 e 1867), torna-se cada vez mais forte a imagem de que Schopenhauer funciona para Nietzsche como um meio de identificação e também uma ferramenta prática para viver no mundo. Nas cartas de 1866, Schopenhauer emerge como um contraponto ao trabalho filológico, como um meio de descanso e prazer em seu tempo livre. Sobre essa temática existem ilustrativas passagens em cartas como [BVN 1866 491](#), [BVN 1866 493](#) e [BVN 1866 500](#). Nesta última, Nietzsche fala a Gersdorff, após comentar sobre suas atividades do momento: “Três coisas são meus restabelecimentos, porém raros restabelecimentos, meu Schopenhauer, música de Schumann e, finalmente, passeios solitários”. No entanto, importa notar que não se trata apenas de um passatempo sem maior comprometimento. Schopenhauer

¹⁵ Sobre esse ponto cf. Itaparica (2004) e Lopes (2008).

ganha já aqui o estatuto de uma experiência existencial. Sobre isso, Nietzsche compartilha com Mushacke a seguinte percepção: “Não desejaria nada mais do que poder trocar novamente ideias e vivências pessoalmente com você por um tempo mais longo: pois desde que Schopenhauer nos tirou dos olhos a venda do otimismo, vê-se melhor. A vida é mais interessante, se é também mais feia” ([BVN 1866 511](#)).

Há igualmente uma série de consonâncias entre observações de Nietzsche e elementos do pensamento schopenhaueriano. Ainda em 1866, Nietzsche parece fazer uso de Schopenhauer como uma ferramenta de crítica à erudição, expondo censuras ao saber dos eruditos em termos semelhantes aos do opúsculo *Sobre a filosofia universitária* (e.g. [BVN 1866 526](#), assim como [BVN 1867 540](#)).

A tendência permanece aproximadamente a mesma no ano seguinte. A leitura de Schopenhauer revela seu potencial de uso prático. Em 1867, há certo destaque às temáticas dos livros 3 e 4 de *O mundo como vontade e representação*, ou seja, à metafísica da arte e à metafísica dos costumes do filósofo da vontade de vida¹⁶. Algo do valor da obra schopenhaueriana residia em sua capacidade de servir como instrumento de consolo. Num desses casos, Gersdorff teria demonstrado bastante pesar e sofrimento com a morte em uma carta e recebe a seguinte resposta do jovem Nietzsche:

Então, caro amigo, você experimentou agora em você – percebo isso no tom de sua carta – agora mesmo por que nosso Schopenhauer louva a dor e as tristezas como uma magnífica sina, como o δεῦτερος πλοῦς à negação da vontade. Você experimentou e sentiu também a purificadora, intimamente tranquilizante e estabilizante força da dor. É um tempo no qual você pode pôr à prova o que é verdadeiro na doutrina de Schopenhauer. Se o quarto livro de sua obra principal lhe dá uma impressão feia, sombria e pesada, se ele *não* tem forças de levantá-lo e conduzi-lo para além da violenta dor externa para aquela melancólica, porém feliz disposição, que nos assalta também ao escutar músicas nobres, para aquela disposição na qual se vê os invólucros mundanos caírem por si só: então, eu também nada mais quero ter a ver com essa filosofia. Só aquele que é pleno de sofrimento pode e tem o direito de dizer algo decisivo sobre essas tais coisas: nós outros, que nos encontramos em meio à corrente das coisas e da vida, que apenas almejamos àquela negação da vontade como uma ilha bem-aventurada, nós não podemos julgar se o consolo de tal filosofia basta também para os tempos de luto profundo. (cf. [BVN 1867 536](#))

Como se pode perceber, a apropriação de Schopenhauer é, nesse período, sempre envolta de um tom pessoal e vivencial. Expressões como “meu Schopenhauer” ou “nosso Schopenhauer” aparecem com certa frequência. Vale observar que Nietzsche já associava fortemente a vivência de Schopenhauer à cidade de Leipzig (cf. [BVN 1867 545](#)).

16 É curioso observar que Nietzsche parece dar mais atenção aqui a elementos que ele criticará posteriormente nos seguidores de Schopenhauer em *Gaia ciência*, a saber, o aspecto metafísico, místico, estético e ético (cf. GC 99).

Para concluir, importa perceber que uma análise como esta possui também suas vantagens e seus limites. No caso de Nietzsche, as cartas podem fornecer muitas informações importantes sobre o processo de recepção dos autores com quem ele debate. Dispomos, com base no epistolário, de informações muitas vezes precisas para interpretação. No caso, como foi visto, podemos descobrir datas, comentadores, livros e reflexões pelas quais Nietzsche passou na construção de sua imagem de Schopenhauer. Porém, é necessário, ainda assim, precaver-se de concluir apressadamente e tentar reduzir absolutamente as posições de Nietzsche a certas fontes ou leituras.

Apesar disso, as informações são valorosas. Observe-se, por exemplo, como elas podem lançar uma outra luz ao texto publicado. Em *Schopenhauer como educador*, Nietzsche revela uma devoção bastante forte ao pensamento de seu mestre. Ele diz:

Eu pertencço aos leitores de Schopenhauer, os quais sabem com determinação, depois de terem lido sua primeira página, que lerão todas as páginas e seguirão cada palavra que ele já tenha dito. Minha confiança nele foi e é agora ainda a mesma de 9 anos atrás. Eu o entendo como se ele tivesse escrito para mim: para me expressar compreensivelmente, embora de modo imodesto e insensato. Por isso, ocorre que eu nunca tenha encontrado um paradoxo nele, somente aqui e ali um pequeno erro. (SE/Co. Ext. III 2, p. 346)

Por essa passagem, é comum enxergarmos Nietzsche como um adepto praticamente incondicional do pensamento schopenhaueriano, quase que na totalidade de seus detalhes. Porém, cartas como as já mencionadas [BVN 1866 517](#) e [BVN 1867 551](#) revelam que a interpretação de passagens como a da *Terceira extemporânea* devem ser parcimoniosas. As cartas não apenas revelam ressalvas razoáveis quanto à adoção do pensamento schopenhaueriano, mas também indicam com boa precisão ao que Nietzsche primeiramente adere: principalmente o valor prático e vital de Schopenhauer, ainda que existam ressalvas quanto à veracidade de suas teses específicas.

3. Fontes para uma análise genética: *Schopenhauer como educador e Ecce homo*

O terceiro uso das cartas envolve um cruzamento de informações entre os textos publicados e o epistolário. Nesse caso, nos deparamos com determinadas informações expostas no texto publicado e procuramos compreender sua gênese, a fim de melhor interpretá-la. Para o tema Schopenhauer, parece-me bastante frutífero abordar a conhecida passagem a seguir:

Como eu entendo o filósofo, como um fecundo material explosivo, diante do qual tudo está em perigo, como eu separo o meu conceito "filósofo" a milhas de distância

de um conceito, que encerra em si até mesmo um Kant, para não falar dos "ruminantes" acadêmicos e outros professores de filosofia: sobre isso, esse escrito [a *Terceira consideração extemporânea*] fornece uma lição inestimável, admitindo-se, na verdade, que aqui, fundamentalmente, não seja expresso "Schopenhauer como educador", senão seu *contrário*, "Nietzsche como educador". (EH As extemporâneas 3)

Como se sabe, em 1888, Nietzsche faz uma releitura de seus processos de produção intelectual e também de suas vivências em geral e expõe o resultado dessa sua autogenealogia¹⁷ no texto de *Ecce homo*. O autor tece observações diversas sobre quase a totalidade de sua produção filosófica, incluindo suas obras de juventude. Entre esses textos iniciais, encontra-se um conjunto de quatro livros igualmente nomeados "Considerações extemporâneas" (*Unzeitgemässe Betrachtungen*) e numerados de I a IV.

A terceira das *Considerações* leva o subtítulo "Schopenhauer como educador" (*Schopenhauer als Erzieher*) e usa da personagem Schopenhauer para debater a educação e, principalmente, o modo como um mestre pode servir para que o discípulo 'seja aquilo que ele é' ou 'torne-se aquilo que ele é'. No texto original de 1874, estão lançados elogios rasgados à figura de Schopenhauer, inclusive a declaração de adoção *quase* irrestrita de sua filosofia, citada há pouco. Como já debatido, é preciso tomar com certa cautela o sentido dessa adoção, não obstante, é preciso considerar ainda que Nietzsche sente-se convicto do valor edificante de Schopenhauer naquele momento, apesar das discordâncias pontuais¹⁸.

Ecce homo defende, por sua vez, uma posição bastante distinta. O valor de Schopenhauer é posto em questão e, ainda mais, o sentido mesmo do texto da *Terceira Extemporânea* é completamente subvertido. Nietzsche aparece como o verdadeiro educador do texto. Pergunta-se: como e quando mais precisamente se desenvolve essa outra posição? As cartas podem nos fornecer algumas indicações preciosas sobre isso.

As missivas datadas de 1880 a 1888 contêm menções diversificadas sobre Schopenhauer. Como é bem sabido, Nietzsche delineia em suas obras publicadas afastamentos explícitos de Schopenhauer no período. Como não podia ser diferente, boa parte dessas cartas reforçam o posicionamento de afastamento em relação ao seu antigo mestre. Diferente das epístolas iniciais que marcam distinções conceituais específicas ou, no máximo, intenções de afastamento pontuais, o material desse período destaca em geral que Nietzsche não se encontra, ao menos segundo sua própria visão, na esfera de influência de um suposto schopenhauerianismo. A única carta de 1881 ([BVN 1881 117](#)) é exemplar nesse sentido.

17 Sobre o conceito de autogenealogia, cf. MÜLLER, 2015 e VIESENTEINER, 2010.

18 Embora esteja fora de nosso escopo inicial, vale a pena mencionar a [BVN 1876 581](#) como um exemplo de mudança de postura de Nietzsche. Nessa carta, Nietzsche declara explicitamente a Cosima Wagner algumas de suas discordâncias em relação ao pensamento metafísico de Schopenhauer. Cf. também a [BVN 1877 642](#).

Trata-se de um cartão-postal ao seu editor Ernst Schmeitzner que menciona rapidamente Schopenhauer, ao lado de Wagner e Dühring, para caracterizar negativamente o trabalho editorial de Schmeitzner: “De fato, eu não me enquadro mais na sua literatura wagneriana-schopenhaueriana-dühringuiana, e ademais na sua literatura de *partido*”.

O clima de rompimento com Schopenhauer permanece nos anos seguintes. Em verdade, não apenas com Schopenhauer, mas também com certas vivências, trabalhos acadêmico-filológicos e obras de sua juventude. Em 1882, em meio às comemorações e divulgações de *Gaia ciência*, Nietzsche faz questão de explicitar suas rupturas com a filosofia schopenhaueriana a Heinrich Köselitz, vulgo Peter Gast. Porém, em meio à construção desse aparato crítico – e inclusive autocrítico –, Nietzsche declara a necessidade de tornar mais explícita sua discordância com os ideais schopenhauerianos:

Meu caro amigo, a “Gaia ciência” está pronta; eu estou lhe mandando já o primeiro exemplar. Algumas coisas diversas serão novas para você: eu deixei, ainda na última correção, isso e aquilo *diferente* e tomara que tenha deixado algumas coisas *melhores*. Leia, p. ex., a conclusão do 2º e 3º livros; também sobre *Schopenhauer* falei de maneira mais explícita (talvez, a ele e a Wagner não irei *já* retornar, eu *tive que* firmar agora minha posição frente às minhas opiniões *anteriores* – pois, afinal, eu sou um *professor* e tenho o dever de dizer no que permaneço *igual* e no que eu tornei-me um *outro*). ([BVN 1882 282](#))

Apesar disso, alguns meses mais tarde, no início de dezembro, o filósofo corresponde-se com Erwin Rohde e tece apontamentos favoráveis ao conteúdo de sua *Terceira extemporânea*, apesar das contraposições com seu passado e o filósofo da vontade de vida:

Leia, por favor, meu escrito sobre Schopenhauer: há um bocado de páginas lá, onde é possível encontrar a chave. No tocante a esse escrito e ao ideal lá dentro – nisso, eu *mantive minha palavra* até agora. No todo, não gosto mais das atitudes altamente morais. Você deve *mudar* um pouco o *tom* das *palavras* naquele escrito. ([BVN 1882 345](#))

Não se pode dizer ainda, certamente, que o ponto de vista de *Ecce homo* sobre a *Terceira extemporânea* já esteja completamente definido. No entanto, não há dúvidas de que alguns elementos já estão presentes: a saber, o valor daquele escrito e o fato de que algo nele precisa ser lido de outro modo, com uma 'coloração' um pouco diferente.

A valorização das *Extemporâneas* sobre Schopenhauer e Wagner continua nos anos seguintes. Cada vez mais, elas correspondem a um tipo de promessa e ideal a ser cumprido por Nietzsche em suas obras posteriores. Wagner e Schopenhauer não valem por si mesmos naqueles textos, mas por aquilo que eles representam do próprio Nietzsche, enquanto promessa (cf. [BVN 1883 405](#), [BVN 1883 459](#) e, de maneira mais explícita, [BVN 1885 617](#)).

De modo geral, Nietzsche não nega a importância da vivência Schopenhauer, sequer a considera como um desperdício de tempo ou algo assim, mas como um desvio de si. Todavia, um desvio que foi importante enquanto desvio. Curiosamente, em 1884, ele procura ser introduzido na Inglaterra por meio da tradução de seus textos por Helen Zimmer, a quem atribui a penetração de Schopenhauer no país britânico. Há também indícios da retomada da leitura dos textos de seu antigo mestre: “Eu folhei por esses dias em Schopenhauer – ah, essa *bêtise Allemande* – como eu estou farto *disso!* Ela corrompe todas as grandes coisas! Também o ‘pessimismo!’” ([BVN 1884 498](#)).

A ideia de que as extemporâneas eram promessas a respeito do futuro de seu próprio autor torna-se mais forte em 1885. Além disso, Nietzsche acrescenta que as promessas passam a ser satisfeitas a partir de *Humano, demasiado humano* (cf. [BVN 1885 617](#)).

Há um misto de posições de Nietzsche em relação a Schopenhauer. Embora seja bastante crítico ao pensador da vontade, ele também parece tratá-lo com reconhecimento. Essa mistura de posições marca, por exemplo, 1886. Ele continua desejando ser introduzido na Inglaterra por Helen Zimmer. Aparentemente, ele pensa Schopenhauer como uma preparação para seu próprio pensar e a leitura de Schopenhauer como algo útil para a leitura de suas obras. O mesmo se pode dizer de 1887, um ano especialmente turbulento, cheio de rompimentos e até mesmo a vivência de um terremoto. Há, por exemplo, certo orgulho em divulgar a obtenção do título de *Professor*¹⁹ pelo amigo Paul Deussen. Segundo Nietzsche, seria sua a responsabilidade da adoção de Schopenhauer por Deussen, o qual seria o primeiro *Professor* de confissão schopenhaueriana (e.g. [BVN 1887 804](#)).

Por fim, em 1888, encontramos a declaração mais explícita em uma carta de 19 de fevereiro, remetida a Georg Brandes:

Ambos os escritos [a terceira e a quarta das *Considerações extemporâneas*], sobre Schopenhauer e Richard Wagner, representam, como isso hoje me parece, mais uma autoconfissão sobre mim, sobretudo um *compromisso solene comigo mesmo*, do que algo como uma verdadeira psicologia daqueles mestres, que me são aparentados de forma igualmente profunda na condição de antagonistas ([BVN 1888 997](#)).

A *Extemporânea* sobre Schopenhauer é, na verdade, sobre Nietzsche: uma promessa inconsciente sobre o seu futuro que, visto retrospectivamente, se cumpriu nos anos posteriores a sua publicação (cf. também [BVN 1888 1014](#)). Chegamos finalmente à formulação de *Ecce homo* nas cartas, pouco antes de ela surgir propriamente na obra preparada à publicação.

¹⁹ Na Alemanha, a palavra *Professor* não designa o mesmo do que no Brasil. Enquanto aqui ela designa alguém que exerce, em geral, a função de educador em qualquer nível de ensino, na Alemanha, ela indica a mais elevada titulação acadêmica.

Como se pode ver, essa foi uma ideia nutrida e retomada diversas vezes desde, no mais tardar, 1882 e não uma intuição súbita de 1888, mesmo que ela não tenha aparecido anteriormente na obra publicada como tal. Assim, quando falamos da periodização de Nietzsche, as 50 epístolas selecionadas de 1880 a 1888 nos permitem perceber que, ao menos no que diz respeito a *Schopenhauer como educador*, não há um rompimento absoluto com algumas ideias-chave, senão um refinamento e uma recoloração. Esse ponto de vista sobre a *Terceira extemporânea* é gestado paulatinamente e, portanto, podemos encarar assim, ao ler seu epistolário, o processo de construção dele.

Considerações finais

À guisa de conclusão, é válido retomar e sintetizar algumas informações. Não resta dúvida que o trabalho com as cartas é bastante proveitoso para que possamos refinar nossas interpretações e leituras da filosofia nietzschiana. Ou seja, seus registros epistolares não são desprezíveis, pois contêm diversas informações e ideias que possuem inegável valor filosófico. Porém, como intérpretes²⁰ do pensamento desse filósofo, não devemos considerar suas cartas como portadoras do mesmíssimo estatuto de seus livros e de suas anotações póstumas. Embora não disponha de independência absoluta do restante de sua produção, a correspondência de Nietzsche usufrui de uma autonomia *parcial*, isto é, as orientações metodológicas que regem seu estudo são únicas. Ainda que possam ser encontrados diversos paralelos entre os métodos de análise dos livros, das cartas e das anotações póstumas, cada um desses *corpora* tem problemas próprios e estratégias próprias de investigação.

Certamente, a depender do caso específico, é lícito lançar mão de cartas isoladas para proceder um exame do pensar nietzschiano. No entanto, como se procurou mostrar nas 3 análises do presente estudo, o tratamento conjunto do epistolário de Nietzsche fornece-nos dados que não podem ser atingidos com o emprego de cartas isoladas. Por conseguinte, a investigação conjunta da correspondência nietzschiana pode ser um método favorável para decifrar diversos enigmas de interpretação que, por outro caminho, não são facilmente solúveis. O caso de Schopenhauer é exemplar. As cartas disponibilizadas na eKGWB dão acesso amplo e gratuito a diversas informações importantes, seja porque não temos dados paralelos na KSA, seja porque a KGW possui acesso mais restrito, seja porque essas

20 De fato, deve-se ser também mencionado que o acesso às cartas de Nietzsche é interessante não apenas para as atividades acadêmicas de seus intérpretes, comentadores ou biógrafos. Sem dúvida, a leitura do epistolário por leitores em geral é também altamente recomendada e pode gerar bons frutos.

informações são exclusivas das missivas de Nietzsche.

Não se trata de sugerir a adoção de uma única metodologia de interpretação desse material. Pelo contrário: como o presente trabalho procura explorar, existem diversas abordagens possíveis e recomendadas.

A primeira análise aqui trabalhada emprega um método *estatístico* para identificar a presença de Schopenhauer no pensamento de Nietzsche. Ele permitiu compreender que o período de 1865 a 1868 é um momento crítico para o intérprete da relação Schopenhauer-Nietzsche, muito embora esse método não forneça todas as chaves de como se dá especificamente essa relação naquele período.

A segunda análise adentrou um pouco mais profundamente no conteúdo das correspondências, a fim de captar, ainda que superficialmente, como e com quem ocorrem os diálogos de Nietzsche sobre Schopenhauer nesse primeiro momento. Trata-se de um levantamento e pesquisa de *fontes*. É um método complexo e que exigiria, para que a problemática fosse completamente exaurida, uma investigação potencialmente infinita. Seria preciso bem compreender o papel específico de cada um dos interlocutores, independentemente de serem eles comentadores ou correspondentes. Contudo, ainda que possa ser um trabalho infinito, cada passo adiante nesse caminho corrobora com a melhor compreensão do filósofo da vontade de poder e, até mesmo, lança luz sobre seus apontamentos póstumos e textos publicados.

A última análise enfoca uma metodologia interpretativa e, por assim dizer, *genética*. A análise mira na compreensão de um trecho da obra publicada a partir da correspondência. Com efeito, a busca por referências à interpretação tardia de *Schopenhauer como educador* serve-nos para mostrar como não apenas os apontamentos póstumos, mas também as cartas, são ferramentas úteis a uma interpretação da gênese de certas ideias. Vimos, por exemplo, que a viragem na compreensão da *Terceira extemporânea* possui uma longa história no epistolário de Nietzsche. Gradativamente no decorrer da década de 1880, Nietzsche constrói a imagem e o significado da expressão “Nietzsche como educador”, cuja aparição súbita nos surpreende em *Ecce homo*.

Em suma, caso a trajetória da presente pesquisa reste satisfatória, é forçoso admitir que é altamente frutífero e importante o uso cuidadoso das cartas de Nietzsche. Sem dúvida, o baixo número de traduções desse material dificulta o trabalho dos pesquisadores brasileiros. No entanto, segundo meu ponto de vista, não devemos nos deter diante dessa dificuldade. Carecemos de uma discussão mais aprofundada sobre a correspondência de um filósofo tal

como Nietzsche, em especial de análises que não as tomem isoladamente, mas em conjunto. Temos, em todo caso, plenas condições de suprir tal carência.

Referências bibliográficas

- BARROS, Fernando Ribeiro de Moraes. Música epistolar: Nietzsche e Carl Fuchs. In: **Cadernos Nietzsche**, n. 30, 2012, p. 135-158.
- CAMPIONI, Giuliano; D'IORIO, Paolo; FORNARI, Maria Cristina; FRONTEROTTA, Francesco; ORSUCCI, Andrea (org.). **Nietzsches persönliche Bibliothek**. Berlin; New York: Walter de Gruyter, 2003.
- ITAPARICA, André Luís Mota. Schopenhauer, Nietzsche e o ponto de vista do ideal. In: SALLES, J. C. (org.). **Schopenhauer & o idealismo alemão**. Salvador: Quarteto, 2004.
- LOPES, Rogério A. **Ceticismo e vida contemplativa em Nietzsche**. Tese de doutorado apresentada ao Departamento de Filosofia da UFMG, 2008.
- MOREIRA, Fernando de Sá. **Ethos e pathos em Schopenhauer e Nietzsche: vida, vontade e ascetismo**. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de pós-graduação em Filosofia da Unioeste, 2011.
- MÜLLER, Enrico. Zwischen Genealogie und Auto-Genealogie zur philosophischen Selbstdarstellung im Spätwerk Nietzsches. **Sofia**, vol. 4, n. 1, Vitória, janeiro/junho de 2015.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Briefwechsel: Kritische Gesamtausgabe**. Berlin/New York: de Gruyter, 1975–
- _____. “Carta do início de novembro de 1883 a Elisabeth Nietzsche em Naumburg”. In: **Estudos Nietzsche**, vol. 6, n.01, jan/jun 2015, p.151-154.
- _____. **Digitale Kritische Gesamtausgabe von Nietzsches Werken und Briefen**. Edição organizada por Paolo D'Iorio, baseada na edição crítica de G. Colli e M. Montinari e publicada pela Nietzsche Source. Edição eletrônica. Disponível em <<http://www.nietzschesource.org/#eKGWB>>, acesso em 14/07/2015.
- _____. **Sämtliche Briefe: Kritische Studienausgabe in 8 Bänden**. Edição organizada por G. Colli e M. Montinari. Berlin: Walter de Gruyter, 1986.
- _____. **Sämtliche Werke: Kritische Studienausgabe in 15 Bänden**. Edição organizada por G. Colli e M. Montinari. Berlin: Walter de Gruyter, 1999.
- _____. **Werke: Kritische Gesamtausgabe**. Berlin/New York: de Gruyter, 1967–
- SCHLECHTA, Karl. **Le cas Nietzsche**. Traduzido por André Cœuroy. Paris: Gallimard, 1997.
- VIESENTEINER, Jorge Luiz. *Erlebnis* (vivência): autobiografia ou autogenealogia? Sobre a “crítica da 'razão da minha vida'” em Nietzsche. **Estudos Nietzsche**, v. 1, n. 2, pp. 327-353, jul./dez. 2010.